

INSEGURANÇA ALIMENTAR NA CIDADE DE MAPUTO EM 2008 E 2014

Ezequiel Alfeu Abrahamo

Mestrado em População e Desenvolvimento pela Universidade Eduardo Mondlane. Docente de Análise de Dados no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique).
ezequielabrahamo56@gmail.com

RESUMO

O presente estudo tem como base a comparação dos resultados do estudo realizado pela AFSUN (African Food Security Urban Network)¹ em 2008 com os níveis de insegurança alimentar na Cidade de Maputo dos anos de 2008 e 2014. A investigação recorreu ao método quantitativo de “pesquisa com survey” recomendado por Fonseca (2002, p. 37) e por Gerhardt e Denise (2009, p. 37-39), utilizando um questionário como instrumento de colecta de dados. Foi feito um inquérito para a recolha de dados sobre 473 Agregados Familiares (AF) seleccionados na amostra. Foram seleccionados AF dos Distritos Municipais (DM) de KaMpfumo, KaMaxaqueni, KaLhamanculo, KaMubukwane e KaMavota. Para assegurar a comparabilidade dos resultados foi seleccionada, em cada DM, a mesma proporção de Agregados Familiares, comparativamente à amostra do inquérito feito pela AFSUN em 2008. Na análise e interpretação de dados, utilizaram-se os seguintes indicadores, que foram tomados como variáveis analíticas, nomeadamente o indicador HFIAS, o qual permite medir e aferir sobre o grau de Insegurança Alimentar durante o mês anterior ao inquérito e o indicador HFIAP. Os resultados, processados com recurso ao SPSS, mostraram que o nível dos valores tabulados dos pontos (scores) da escala de HFIAS dos AF é, em média, de 3,9% e mostram, também, uma “queda” mais acentuada dos valores médios de HFIAS, comparativamente ao valor registado no estudo realizado em 2008. Por outro lado, foram tomadas, de forma individualizada, as respostas dadas sobre a situação de Insegurança Alimentar nos quatro meses anteriores ao inquérito cuja comparação entre os resultados dos estudos feitos em 2008 e em 2014 mostra uma tendência de melhoria dos níveis de Insegurança Alimentar dos AF inquiridos, observando-se que apenas cerca de 18,4% dos AF inquiridos “tiveram preocupação em não ter comida suficiente nas últimas quatro semanas” e apenas cerca de 16,7% deles foram impossibilitados de comer o tipo de comida que preferiam por falta de recursos financeiros para os adquirir. Em geral, os resultados sugerem ter havido uma tendência de melhoria dos níveis de Insegurança Alimentar dos Agregados Familiares inquiridos, comparativamente aos resultados do estudo realizado em 2008.

Palavras-chave: Agregado Familiar; Insegurança Alimentar; Segurança Alimentar; Pobreza.

FOOD INSECURITY IN MAPUTO CITY IN 2008 AND 2014

¹ AFSUN é uma “Rede Africana de Segurança Alimentar Urbana”. Os resultados da pesquisa, feita em 2008, a que se faz referência neste trabalho, foram publicados em 2014 na Revista “Urban Food Security Series nº 20. Mais detalhes podem ser vistos em Raimundo (2014) e Crushe Pendleton. The State of Food Insecurity in Maputo, Mozambique. Urban Food Security Series nº 20.

ABSTRACT

This study is based on comparing the results of the study undertaken by AFSUN in 2008 and the data collected in this dissertation. Its objectives to characterize the levels of food insecurity in Maputo City for the years 2008 and 2014, to determine the values of indicators to assess the trend of food insecurity levels in Maputo City for the years 2008 and 2014 and compare the levels of Food Insecurity 2008 with 2014. The research used the quantitative method "research survey" recommended by Fonseca (2002, p. 37) and Denise and Gerhardt (2009, p. 37-39) using a questionnaire as a data collection tool. It was done a survey to collect data on 473 Households (HH) selected by sample. They were selected HH of Municipal Districts (MD) of KaMpfumo, KaMaxaqueni, KaLhamanculo, KaMubukwane and KaMavota. To ensure the comparability of results it was selected in each MD, the same proportion of households compared to the sample done by AFSUN in 2008. In the analysis and interpretation of data, we used the following indicators, (which were taken as analytical variables), which allows to measure and to assess the degree of *food* insecurity during the month prior to the survey) HFIAS and HFIAP indicator. The results processed using the SPSS, showed that the level of tabulated values of the points (scores) of HFIAS range of HH is on average 3.9% and also show a "fall" sharper values in the HFIAS average, compared to the value recorded in the study in 2008. On the other hand, were taken, individually, the answers given on the food insecurity situation in the four months preceding the survey for which a comparison between the results of studies done in 2008 and in 2014 shows a trend of some improvement of Food Insecurity levels of respondents HH, noting that only about 18.4% of respondents HH "had concerns about not having enough food in the last four weeks" and only about 16.7% of them were unable to eat the kind of food preferred by lack of financial resources to acquire them. Overall, the results suggest that there was a trend towards improved levels of food insecurity of households surveyed, compared to the results of the study in 2008.

Keywords: Household; Food Insecurity; Food Security; Poverty.

INSEGURIDAD ALIMENTARIA EN LA CIUDAD DE MAPUTO EN 2008 Y 2014

RESUMEN

Este estudio se basa en la comparación de los resultados del estudio realizado por AFSUN en 2008 con los niveles de inseguridad alimentar en la ciudad de Maputo en los años 2008 y 2014. La investigación se volvió hacia el método cuantitativo recomendado por Fonseca (2002, p. 37) y Denise y Gerhardt (2009, p. 37-39), utilizando un cuestionario como instrumento de recolección de datos. Se realizó una encuesta para recoger datos sobre 473 Hogares seleccionados en la muestra. Fueron seleccionados Hogares de los Distritos Municipales (DM) de KaMpfumo, KaMaxaqueni, KaLhamanculo, KaMubukwane y KaMavota. Para garantizar la comparabilidad de los resultados en cada una de DM, fue seleccionada la misma proporción de los Hogares en comparación con la encuesta de la muestra hecho por AFSUN en 2008. En el análisis e interpretación de datos, hemos utilizado los siguientes indicadores, que fueron tomadas como variables analítica y, en particular indicador HFIAS, que le permite medir y evaluar el grado de inseguridad alimentaria durante el mes anterior a la encuesta y el indicador HFIAP. Los resultados procesados mediante el programa SPSS, mostraron que el nivel de los valores tabulados de los puntos (puntajes) del indicador HFIAS es, en promedio, 3,9% y también muestran una "caída" de los valores, en comparación con el valor registrado en el estudio en 2008. Por otra parte, se tomaron de forma individual, las respuestas dadas sobre la situación de la inseguridad alimentaria en los cuatro meses anteriores a la encuesta para la que una comparación entre los resultados de los estudios realizados en 2008 y en 2014 muestra una tendencia de mejora de los niveles de inseguridad alimentaria de los encuestados, señalando que sólo el

18,4% de los encuestados “se preocuparan por no tener suficiente comida en las últimas cuatro semanas”, y sólo alrededor del 16,7% de ellos eran incapaces de comer el tipo de alimento preferido por la falta de recursos financieros para adquirirlos. En general, los resultados sugieren que existe una tendencia hacia la mejora de los niveles de inseguridad alimentaria de los hogares encuestados, en comparación con los resultados del estudio hecho en 2008.

Palabras clave: Hogar; Inseguridad Alimentaria; Seguridad Alimentaria; Pobreza.

INTRODUÇÃO

O relatório Global sobre Nutrição em 193 países, incluindo os da África Subsaariana, refere que a situação nutricional de alguns países da África Austral é preocupante. A título ilustrativo o relatório refere que, na África do Sul, país economicamente mais desenvolvido do continente, uma em cada quatro crianças “ainda vai, todas as noites, a cama com fome. A proporção de crianças menores de cinco anos que sofrem de nanismo - deficiências físicas causadas pela desnutrição crónica - tem crescido²”. Esta situação, refere ainda o aludido relatório, é pior noutros países africanos da mesma região, salientando que em Madagáscar, por exemplo, metade de todas as crianças menores de cinco anos sofrem de nanismo.

Em Moçambique, a política de Segurança Alimentar ganhou maior importância, visibilidade e uma abordagem mais integrada e intersectorial, sobretudo a partir de 1998, altura em que foi elaborada pelo SETSAN (Secretariado Técnico de Segurança Alimentar e Nutricional) e aprovada pelo governo, através da Resolução Interna 16/98, a primeira Estratégia Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (ESAN). ESAN (2008; 2015, p. 11) sublinha, entre outros, que a segurança alimentar e nutricional nos centros urbanos

é fortemente influenciada pelo acesso económico aos alimentos e não apenas pela disponibilidade física dos mesmos. Nas cidades, a definição de grupos vulneráveis à Insegurança Alimentar e Nutricional depende fundamentalmente duma diversidade de fatores, tais como, oportunidades de emprego, serviços básicos de saúde e educação, serviços de protecção social, êxodo rural e funcionamento dos mercados.

Embora não tenha havido, ainda, vários estudos sobre a temática de Insegurança Alimentar Urbana, esta questão tem estado a merecer uma atenção especial em Moçambique. Com efeito, o Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar realizou, em 2006, um

² Para mais detalhes vide Strive Masiyiwa (2015). *In: Editoriais: Global Nutrition Report*. A tradução da expressão “Global Nutrition Report” é do autor deste artigo.

“Estudo de Base de Segurança Alimentar e Nutricional em Moçambique” no qual enfatiza a questão de Insegurança Alimentar das Cidades de Moçambique; por sua vez, a FDC (Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade) (2009) conduziu, um estudo intitulado “Opções de Intervenção no Contexto da Pobreza Urbana em Moçambique: Estudo de caso dos Municípios de Maputo e Chimoio”, entre outros.

Por outro lado, estudos levados a cabo sobre Moçambique por Alderman (1990), Alderman e Higgins (1992), e Blau, Guilkey, e Popkin (1996) têm, como referem Garrett e Ruel (1999), preocupando-se com a questão da segurança alimentar ou estado nutricional nas áreas rurais e urbanas, mas nenhum deles “explorou com profundidade a questão de saber se os factores que determinam a segurança alimentar e nutricional são diferentes entre áreas urbanas e rurais, e quais as tendências e implicações dessas diferenças para a concepção e implementação de programas de alimentação e nutrição”.

Apesar do inquérito para a recolha de dados ter sido realizado em Abril de 2015, os limites temporais considerados para efeitos deste estudo são os anos de 2008 e 2014.

O presente artigo³ resulta da análise comparativa do estudo realizado pelo AFSUN (African Food Security Urban Network)⁴ em 2008 e dos dados recolhidos no âmbito da dissertação de Mestrado em População e Desenvolvimento defendida em 2015.

Segurança Alimentar Urbana é uma área emergente no que concerne ao desenvolvimento e pesquisa académica, a qual é fundamentalmente diferente da abordagem de questões de (In)Segurança Alimentar nas áreas rural e urbana em geral. A abordagem desta matéria, a nível académico, permite construir uma base de conhecimento emergente torno da problemática de (In)Segurança Alimentar urbana e pobreza. Tal conhecimento pode constituir uma grande contribuição para a realização de estudos e pesquisas bem como para o desenho de políticas públicas.

METODOLOGIA

A revisão da literatura foi crucial para enquadrar o assunto e perceber o debate em torno do mesmo. Nesta linha, o inquérito foi o pilar para a recolha de dados e a comparação foi fundamental para identificar os diferenciais dos níveis de Insegurança Alimentar

³ Este artigo resulta de uma pesquisa realizada em 2014 no âmbito da elaboração da dissertação para o Mestrado em População e Desenvolvimento pela Universidade Eduardo Mondlane.

⁴ AFSUN (2008), op cit.

desde que, pela primeira vez, foi realizado um estudo sobre o “Estado de Insegurança Alimentar na Cidade de Maputo”⁵ pela AFSUN, no contexto da região da África Austral.

Para a recolha de dados foi utilizado um questionário, como um instrumento de coleta de dados. O modelo teórico seguido foi o proposto por Fortin, M-F. et al. (1999, p. 38).

Foram utilizados os seguintes indicadores os quais foram, também, tomados como variáveis analíticas, para medir e comparar os níveis de Insegurança Alimentar, nomeadamente:

- ✓ O indicador HFIAS (Household Food Insecurity Access Scale)⁶ e
- ✓ O indicador HFIAP (Household Food Insecurity Access Prevalence).

Este indicador usa os dados obtidos a partir das respostas às perguntas “Escala de Acesso à Insegurança Alimentar” (mostradas na Tabela 2) e agrupa as respectivas respostas dos agregados familiares em quatro níveis, nomeadamente Segurança Alimentar, Insegurança Alimentar Média, Insegurança Alimentar Moderada e Insegurança Alimentar Severa.

REVISÃO DA LITERATURA SOBRE SEGURANÇA ALIMENTAR

A abordagem da questão da Segurança Alimentar em geral e, nas cidades em particular, tem vindo a atrair grande interesse e atenção tanto de investigadores (e instituições de investigação) quanto das organizações públicas. Em Moçambique o assunto tem merecido, igualmente, a atenção daqueles sectores. O PARPA II (2006-2009) considera a Segurança Alimentar e Nutricional como uma questão transversal, ou seja, “está integrada nas diversas políticas e estratégias dos sectores do Governo. Estas políticas sectoriais, em geral, são complementares e têm em comum a preocupação de combater a pobreza absoluta e, por conseguinte, a Insegurança Alimentar e Nutricional. O PARPA II (Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta) contém indicadores específicos de Segurança Alimentar e Nutricional e inclui o DHAA (Direito Humano à Alimentação Adequada) como

⁵ Para mais detalhes veja-se Raimundo, I. et al. The State of Food Insecurity in Maputo, Mozambique. **Urban Food Security Series**, n. 20, 2014.

⁶ Para mais detalhes sobre estes indicadores escalares, vide Coates, J. (2007, p. 3-4), Swindale, A. e Bilinsky, P. **Household Food Insecurity Access Scale (HFIAS) for Measurement of Food Access: Indicator Guide. Version 3.** Food and Nutrition Technical Assistance Project, Academy for Educational Development. Washington DC, 2007.

uma abordagem a adoptar no país”. Porém, ele não destaca a necessidade de um conhecimento e abordagem aprofundados sobre Insegurança Alimentar urbana.

Talvez com refere Garrett e Ruel (1999) muitos autores como por exemplo “Alderman (1990); Alderman e Higgins (1992); Blau, Guilkey e Popkin (1996); Ricci e Becker (1996); Sahn (1988); Thomas, Strauss e Henriques (1991); Thomas e Strauss (1992)” têm-se debruçado sobre a questão de Insegurança Alimentar ou estado nutricional das pessoas das áreas rurais e urbanas. Porém, “nenhum explorou com profundidade a questão de saber se os factores que determinam a segurança alimentar e nutricional são diferentes entre as áreas rurais e urbanas, e quais as implicações dessas diferenças para o desenho de projectos e implementação de programas de alimentação”.

Maluf e Menezes (2001) referem que o termo Segurança Alimentar começou a ser utilizado após o fim da Primeira Guerra Mundial e acrescentam que “o entendimento de que a questão alimentar está estritamente ligada à capacidade de produção manteve-se até a década de setenta”.

Vários trabalhos de investigação foram levados a cabo por um grupo de especialistas do Instituto Americano de Nutrição, os quais resultaram na formulação do que os autores chamaram de “definições conceituais”, isto é, definições sobre segurança alimentar:

Burlandy (2007) refere que “o conceito de Segurança Alimentar e, por conseguinte, de Insegurança Alimentar, está ainda em construção, seja no campo teórico, seja no de formulação de políticas públicas. Ademais, Vendramini et al (2012) alargam a abordagem acima aludida acrescentando que “o processo de amadurecimento conceptual foi incorporando preocupações que emanavam de debates” e, assim, delinearam de início como relevantes, “os parâmetros disponibilidade e acesso, relacionados à quantidade suficiente e ao preço baixo dos alimentos, como importantes para compor o referido conceito”.

A definição clássica adotada pela FAO estabelece que a segurança alimentar representa um estado no qual todas as pessoas, durante todo o tempo, possuam acesso físico, social e económico a uma alimentação suficiente, segura e nutritiva, que atenda a suas necessidades dietárias e preferências alimentares para uma vida activa e saudável (BELIK, 2003, p.23).

Por outro lado e de acordo com Marques (2003, p. 5) “[...] a pobreza ocupa o lugar de determinante principal da Insegurança Alimentar, isto é, do não acesso regular a uma alimentação adequada, dando origem aos fenómenos da fome e da desnutrição”.

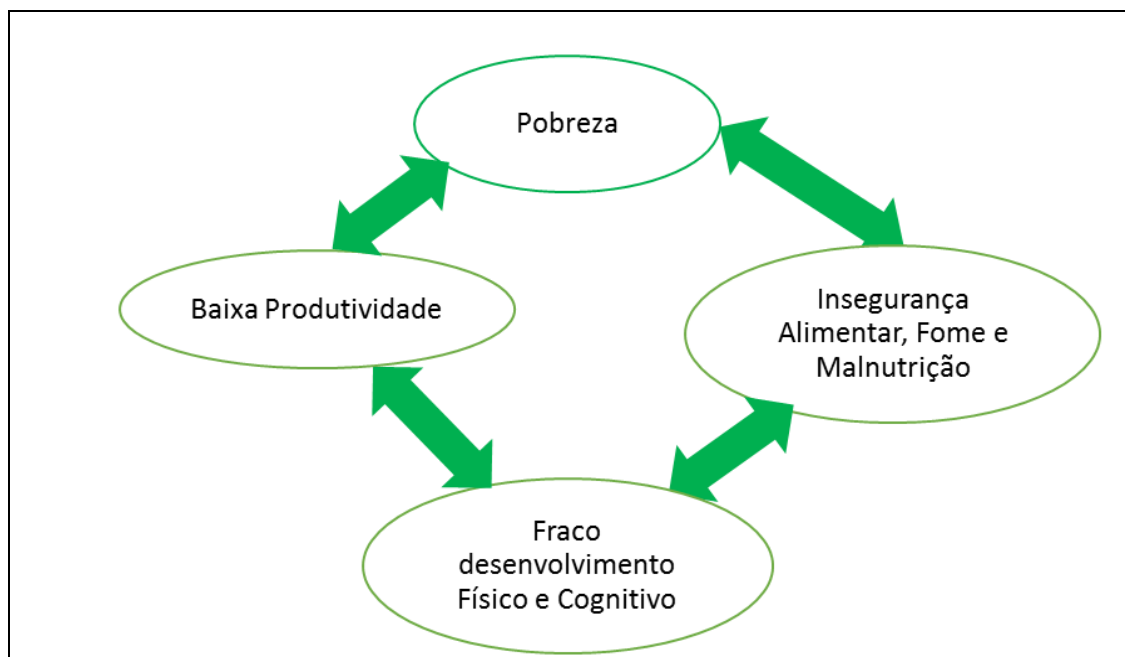


Figura 1 – Inter-relação entre Insegurança Alimentar, Malnutrição e Pobreza

Fonte: Adaptado pelo autor com base na figura de Tomado de Tawodzera G. (s.d.). Food In(security), Population Growth, Development & Public Health in Africa.

A COMPARAÇÃO E O INQUÉRITO

Para efeitos de comparação, a pesquisa abrangeu as mesmas áreas do estudo feito pelo AFSUN em 2008. E os dados são apresentados em forma de tabelas, quadros e gráficos.

A investigação recorreu ao método quantitativo⁷, isto é, à pesquisa com base num inquérito e utilização de um questionário como instrumento de recolha de dados, tal como recomendam Fonseca (2002, p.37) e Gerhardt e Denise (2009, pp. 37-39).

O inquérito foi realizado em cinco dos sete Distritos Municipais da Cidade de Maputo, nomeadamente os Distritos Municipais de Kampfumo, KaMaxaqueni, KaLhamancu-

⁷De acordo com Moreira, C. (1994, p. 93-96), as diferenças entre o método Quantitativo e o Qualitativo, podem ser resumidas como:

1ª Diferença: entre qualitativo e quantitativo: no segundo, são dados ordinais ou de intervalo que permitem a estatística; no primeiro, são de tipo diferente pois remetem para o que os atores dizem e para a observação das ações.

2ª Diferença: um dado válido não é o mesmo nas duas metodologias. Há uma validade interpretativa no qualitativo.

3ª Diferença: no qualitativo, requiere-se um maior envolvimento com o que se estuda. A razão não tem apenas a ver com a noção de DADO mas também com a forma como a METODOLOGIA É PENSADA.

Por outro lado, Duarte, R. (2002, p. 5) refere que “Métodos qualitativos fornecem dados muito significativos e densos, **mas, também, muito difíceis de se analisarem. Sempre se lê isso em textos sobre metodologias de pesquisa em ciências sociais...**” (grifos nossos).

lo, KaMubucwane e KaMavota. Em termos de cobertura de Agregados Familiares o inquérito logrou abranger, de facto, 472 Agregados Familiares (AF) (99.8% do total de AF previstos na amostra).

Com exceção do Distrito Municipal de Kamaxaquene onde foram inquiridos 103 AF dos 104 seleccionados na amostra, nos restantes DM foram inquiridos todos os Agregados Familiares seleccionados, sendo de referir que no Distrito Municipal de KaMaxaquene foi inquirido um agregado familiar a menos, comparativamente aos Agregados Familiares inicialmente seleccionados na amostra.

Por tratar-se apenas de um (1) agregado familiar pareceu-nos irrelevante e desnecessário substituí-lo, pois um (1) agregado familiar a menos é estatisticamente não significante, considerando o universo total de 104 Agregados Familiares para o Distrito Municipal de KaMaxaquene; um agregado familiar corresponde a menos de 1% do total de Agregados Familiares daquele distrito Municipal.

Da população inquirida, 48% das pessoas eram do sexo masculino e 52% eram do sexo feminino, tal como ilustra o gráfico 1 que segue.

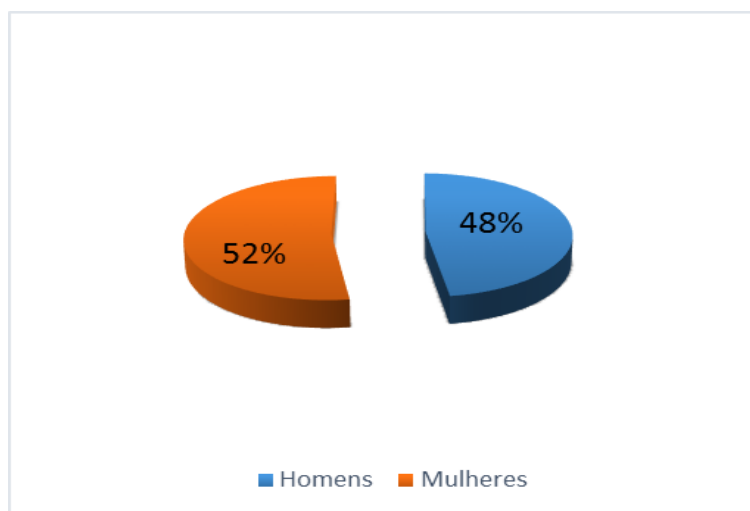


Gráfico 1 – Percentagem da população total inquirida por sexo, 2014

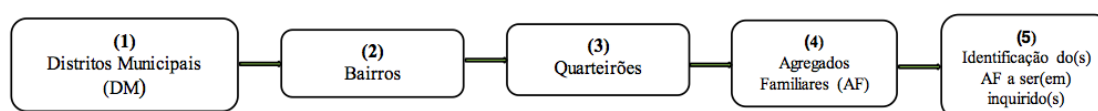
Fonte: Elaborado pelo autor com base nos resultados do inquérito realizado no âmbito deste estudo.

Por outro lado, o tamanho médio dos Agregados Familiares (AF) inquiridos é cerca de 5 pessoas o que é relativamente menor que o tamanho médio dos AF inquiridos em 2008 que foi de 6.9 (vide AFSUN, p. 9, op. cit.). Tal pode sugerir, entre outros, que tenha havido alguma mobilidade de pessoas para viverem fora da cidade ou noutros Distritos Municipais (DM) de Maputo e/ou alguma mudança na percepção das pessoas sobre as eventuais “vantagens” de ter tamanho “reduzido” de Agregados Familiares ou seja de viver, na mesma casa, com um número elevado de pessoas.

No estudo foi seleccionada uma amostra de 473 Agregados Familiares, distribuídos como ilustra o gráfico que se segue.

A determinação da população-alvo, isto é, do número de Agregados Familiares inquiridos, foi feita através do desenho e selecção de uma amostra. O delineamento da amostra foi, em cada nível, como está explicado nos pontos (1) a (5) do Esquema 1 que se segue, até atingir-se a selecção da unidade amostral primária (Agregado Familiar) para efeitos analíticos, isto é, o agregado familiar.

Esquema 1 – Sequência de etapas de selecção da Unidade amostral primária



Fonte: Elaborado pelo autor.

Notas:

- (1): Foram tomados os mesmos DM seleccionados no Inquérito feito pela AFSUN (op.cit) em 2008.
- (2): Foram tomados os mesmos Bairros seleccionados no Inquérito feito pela AFSUN (op.cit) em 2008.
- (3): Nº de Quarteirões seleccionados proporcionalmente aos seleccionados (op.cit) em 2008.
- (4): Nº de AF seleccionados aleatória e proporcionalmente aos seleccionados em 2008.
- (5): Identificação dos AF a serem inquiridos.

Neste estágio de selecção de AF, no campo partiu-se da assunção, tomada pelo autor do trabalho, segundo a qual cada casa corresponde a um Agregado Familiar.

A identificação dos AF foi feita com recurso à técnica conhecida por *Método de Serpentina*⁸ que, basicamente consiste na “fixação” pelo entrevistador/inquiridor do ponto de partida para em linha de serpentina e alternativamente ir seleccionando a próxima casa.

Foram seleccionados para a amostra 473 Agregados Familiares, distribuídos como ilustra o Gráfico 2:

⁸ Para mais detalhes vide LABURU, C. E. (1995, p. 53-55).

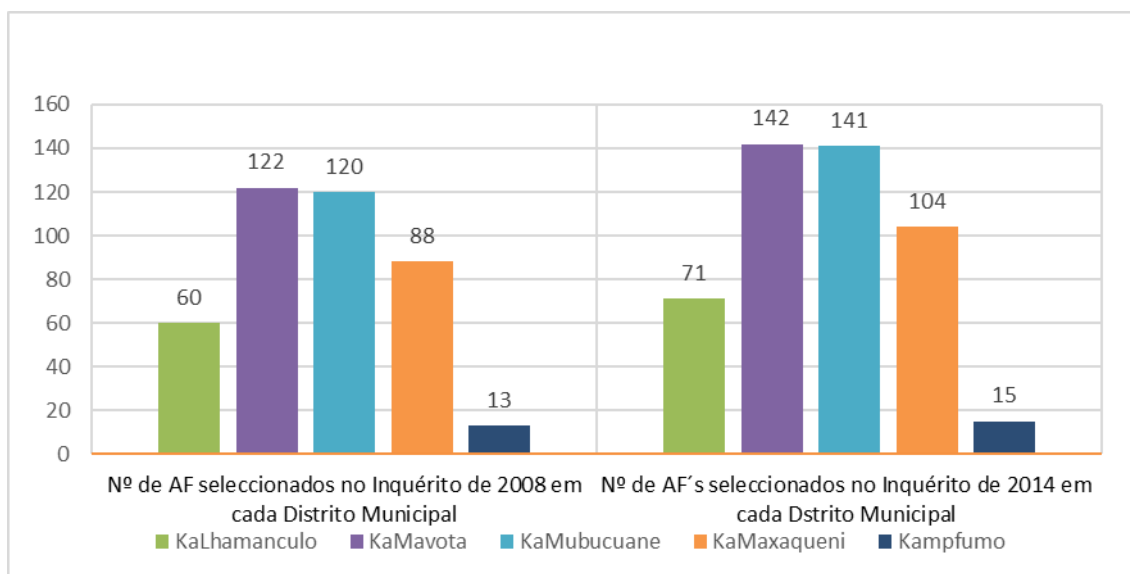


Gráfico 2 – N° de Agregados Familiares seleccionados, por Distrito Municipal, na amostra dos Inquéritos realizados em 2008 e 2014.

Fonte: Elaborado pelo autor com base na tabela nº 5, pág. 7 da AFSUN, op. cit. e na Amostra desenhada para o inquérito realizado no âmbito deste estudo.

A CIDADE DE MAPUTO: características geográficas, sociodemográficas e económicas

Como ilustra a figura 2, a Cidade de Maputo situa-se no sul de Moçambique. Com uma área de 347,69 km² a Cidade de Maputo tinha, de acordo com o Censo de 2007, uma população de 1.094.315 pessoas, o que representa um aumento populacional de 13,2%, em relação ao Censo de 1997. Contudo, as projecções do INE (Instituto Nacional de Estatísticas) apontavam, para o ano de 2014, uma população total de cerca de 1.225.868 pessoas.

Por outro lado, um estudo realizado pela FDC (Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade), em 2009, refere que “na Cidade de Maputo registou-se um aumento do nível de desigualdade, medido pelo coeficiente de Gini, de 0.44 para 0.52” (ARNDT, C. et al., 2010, p. 2). O mesmo estudo refere, ainda, que a incidência de pobreza na Cidade de Maputo aumentou de 47% para 53%, no mesmo período acima referido.

Insegurança alimentar na cidade de Maputo em 2008 e 2014
Ezequiel Alfeu Abrahamo



Figura 2 – Mapa de localização da cidade de Maputo

Fonte: Disponível em: <<http://www.lahistoriaconmapas.com/atlas/mapa-portugues/Mo%C3%A7ambique-mapa-das-estradas.htm>>. Acesso em: 3 maio 2016.

Ademais, a Cidade de Maputo está dividida em sete Distritos Municipais (DM), como ilustra a Figura 3 abaixo na qual podem ser vistas as áreas abrangidas pelo estudo, nomeadamente os Distritos Municipais de KaMpfumo, KaMaxaqueni, KaLhamanculo, KaMubukwane e KaMavota que são, do ponto de vista do autor do estudo, mais representativos em termos de abrangência da população total da Cidade de Maputo e, por conseguinte, para efeitos de inferência na análise dos resultados. Com efeito, a população desses distritos, tanto em 2008 e 2015, perfazia 97.8% da população total da cidade de Maputo enquanto a dos distritos municipais que não foram abrangidos pelo estudo (DM de KaTembe e KaNyaka) representava apenas 2.2%.

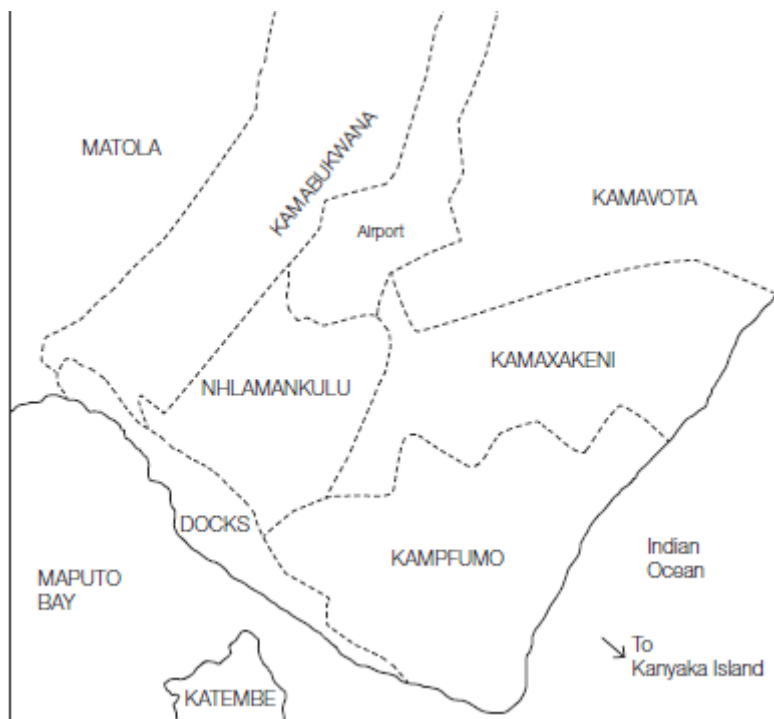


Figura 3 – Distritos Municipais da Cidade de Maputo

Fonte: Tomado e adaptado de Raimundo, I. et al. (2014, p. 4).

Obs.: Correções de alguns nomes dos Distritos Municipais: Onde se lê (no mapa), KAMABUKWANA e NHLAMANKULU, leia-se KaMubukwane e KaLhamanculo, respectivamente.

A INSEGURANÇA ALIMENTAR DA CIDADE DE MAPUTO NOS ANOS DE 2008 E 2014

Níveis de insegurança alimentar em 2008 e 2014

Os resultados do inquérito realizado no âmbito deste estudo mostram que o nível dos valores tabulados dos pontos (scores⁹) da escala de HFIAS dos Agregados Familiares (Tabela 1) é, em média, de 3.9% (valor inferior ao encontrado no estudo de 2008), o que sugere que os pobres da Cidade de Maputo parecem estar numa situação de menos Insegurança Alimentar, comparativamente ao que mostraram os resultados do estudo feito em

⁹ A tradução textual de “score” encontrada em é “pontuação”. Disponível em: <https://www.google.co.mz/?gws_rd=cr,ssl&ei=QCa2VcyRDoSp7Aafs4KgBg#q=translate>. Contudo, o autor tomou uma das diferentes propostas de tradução “não textual” recomendadas no Dicionário de Inglês-Português (1998, p. 899), 3ª edição, Porto Editora, que pareceu mais adequada/apropriada e próxima da perspectiva de análise e interpretação dos dados recolhidos neste estudo.

2008, ou seja, houve certa tendência de melhoria do *status*¹⁰ de insegurança alimentar dos Agregados Familiares.

Tabela 1 – Comparação dos níveis (scores) de HFIAS dos anos de 2008 e 2014

Anos	Nº de Agregados Familiares inquiridos	Média	Mediano
2008	389	10.4	10
2014	472	3.9	2

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da na tabela 12 de Raimundo et al. (2014, p. 20), op.cit. e pelo autor com base nos resultados do Inquérito realizado no âmbito deste estudo.

O comportamento dos dados apresentados na tabela anterior pode ser visualizado no gráfico 2.

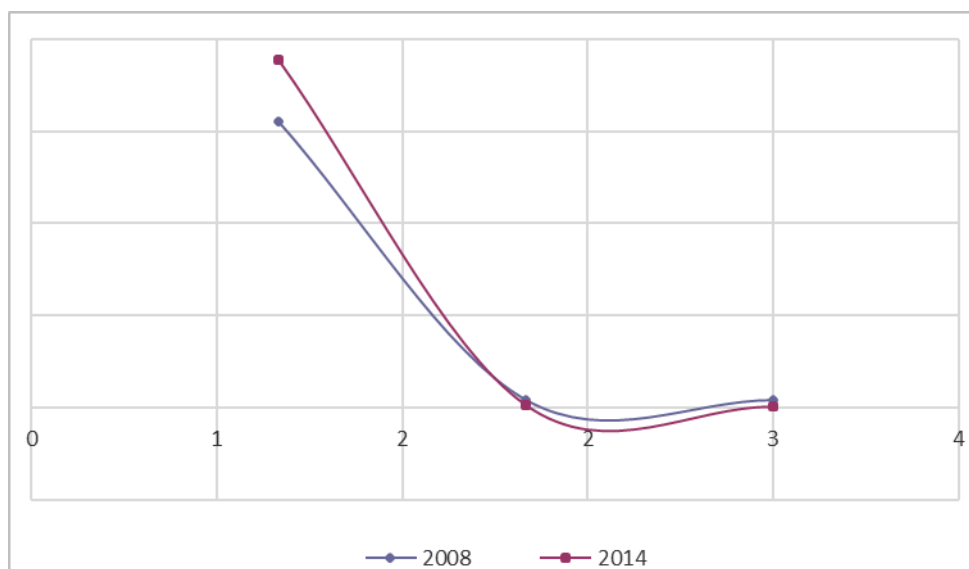


Gráfico 3 – Comparação da tendência dos níveis (scores) de HFIAS dos anos de 2008 e 2014

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da tabela 1.

Com efeito, o gráfico mostra uma “queda” mais acentuada dos valores (*scores*) médios de HFIAS, comparativamente ao valor registado no estudo realizado em 2008. Essa tendência decrescente é confirmada pelo valor acentuadamente menor da média observada

¹⁰ Quando isto ocorre, Bickel, G. et al. (2000, p. 33) fala de “melhoria do status de Insegurança Alimentar” e esclarece que a medição do nível do *status de insegurança alimentar* é, como afirma, “um exercício no qual são (ou podem ser) identificados intervalos/escalas significativos/as do grau de gravidade de Seg(Ins)alimentar. A medição através da criação ou formação de categorias analíticas é uma forma adequada para se poder comparar os níveis de prevalência de Insegurança Alimentar em subpopulações ou grupos específicos”.

em 2014, ao valor registado em 2008. Por outro lado, a distribuição dos Agregados Familiares pelo valor mediano mostra que cerca de 10% dos AF inquiridos em 2008 situavam-se acima e abaixo da média, respectivamente enquanto apenas cerca de 2% dos AF inquiridos em 2014 situavam-se acima e abaixo da média, respetivamente.

Insegurança alimentar em 2008 e 2014

Para uma melhor compreensão dos aspectos de Insegurança Alimentar que mais afectaram os Agregados Familiares da Cidade de Maputo (abrangidos pelo inquérito), no período em estudo, foram tomadas de forma individualizada, as respostas dadas sobre a situação de Insegurança Alimentar nos quatro meses anteriores ao inquérito (P18aHFIAS a P18jHFIAS do questionário. Estas perguntas foram incluídas tanto no questionário do inquérito de 2008 quanto no de 2014). Essa informação resultou das respostas dadas às perguntas referentes à escala HFIAS (Escala de Acesso à Insegurança Alimentar do Agregado Familiar), as quais foram sumarizadas e comparadas, como se pode observar nas três últimas colunas da tabela 2 seguinte.

A comparação dos resultados dos estudos feitos em 2008 e em 2014 mostra, também, uma tendência de melhoria do estado de Insegurança Alimentar dos Agregados Familiares inquiridos. Com efeito, observa-se que apenas 18.39% dos Agregados Familiares inquiridos “tiveram preocupação em não ter comida suficiente nas últimas quatro semanas” e apenas 16.7% dos AF foram impossibilitados de comer o tipo de comida que preferiam por falta de recursos financeiros para adquiri-lo. Nesta situação estiveram, segundo o estudo de 2008, 62.2% de Agregados Familiares.

Em geral, os resultados sugerem ter havido uma tendência de melhoria dos níveis de Insegurança Alimentar dos Agregados Familiares inquiridos, comparativamente aos resultados do estudo realizado em 2008.

Insegurança alimentar na cidade de Maputo em 2008 e 2014
Ezequiel Alfeu Abrahamo

Tabela 2 – Comparação das respostas à Insegurança Alimentar, segundo a Escala de Acesso à Insegurança Alimentar do agregado familiar (HFIAS), 2014 e 2015.

Respostas às perguntas sobre Insegurança Alimentar	% de respostas "algumas vezes/regularmente"		Diferença 2014 e 2008
	2008	2014	%
Nas últimas quatro semanas:			
P18aHFIAS: Você se preocupou que o seu agregado não tivesse comida suficiente?	55.80	18.39	-37.41
P18bHFIAS: Você ou um membro do seu agregado foram impossibilitados de comer o tipo de comida que vocês preferem por falta de recursos (dinheiro)?	62.20	16.70	-45.50
P18cHFIAS: Você ou um membro do seu agregado tiveram que comer uma variedade limitada de alimentos devido a falta de recursos?	58.50	12.68	-45.82
P18dHFIAS: Você ou um membro do seu agregado familiar tiveram que comer alguma comida que vocês realmente não queriam comer por falta de recursos?	51.60	12.68	-38.92
P18eHFIAS: Você ou um membro do seu agregado tiveram que tomar uma refeição menor (menos comida) do que vocês acham que precisavam porque não havia comida suficiente?	46.70	12.47	-34.23
P18fHFIAS: Você ou um membro do seu agregado tiveram que comer menos refeições durante o dia porque não havia comida suficiente?	45.00	11.42	-33.58
P18gHFIAS: Você ou um membro do seu agregado ficaram sem nenhuma comida no vosso agregado por falta de recursos para comprar comida?	20.90	11.63	-9.27
P18hHFIAS: Você ou um membro do seu agregado foram dormir com fome porque não havia comida suficiente?	16.50	11.21	-5.29
P18iHFIAS: Você ou um membro do seu agregado passou o dia e a noite inteira sem comer nada, porque não havia comida suficiente?	9.60	6.13	-3.47

Fonte: Elaborada pelo autor com base tabela 14 pág. 22 da AFSUN, "The State of Food Insecurity in Maputo, Mozambique", Urban Food Security Series n° 20 e nos resultados do Inquérito realizado em 2015 no âmbito deste estudo.

Uma ilustração gráfica da tendência acima referida pode ser vista no gráfico 3, no qual é possível observar que, em termos absolutos (e mesmo relativos) a amplitude ou diferenças entre os resultados observados em 2008 e 2014 é, por assim dizer, significativamente grande.

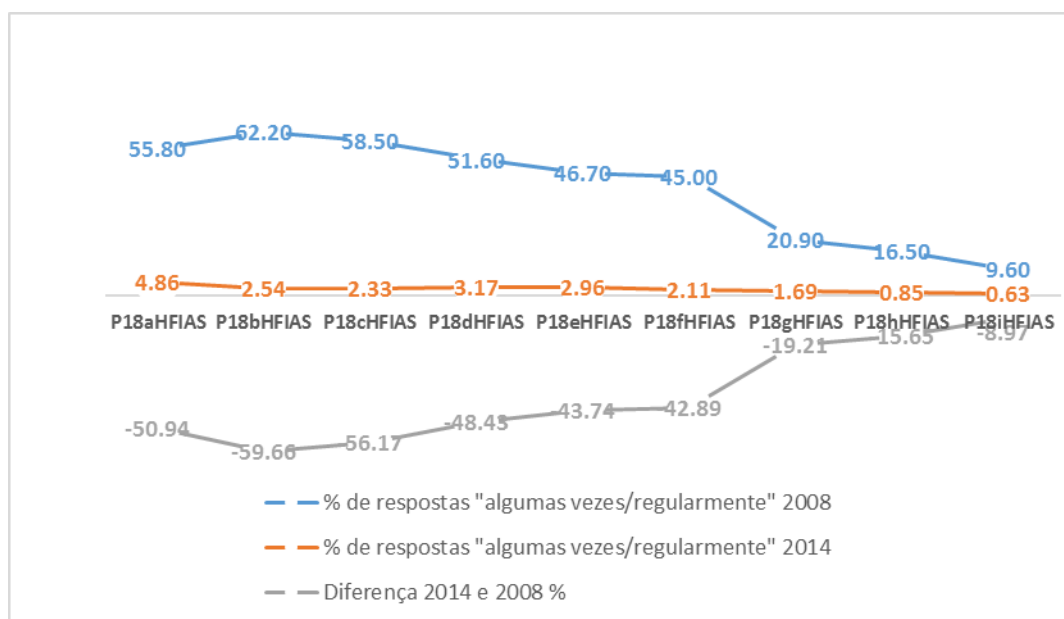


Gráfico 3 – Comparação tendencial das respostas à Insegurança Alimentar, segundo a Escala de Acesso à Insegurança Alimentar, 2014.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da tabela 2.

A prevalência de Insegurança Alimentar dos Agregados Familiares segundo o indicador HFIAP

Na Tabela 3 foi usado o indicador de escala HFIAP (*Household Food Insecurity Access Prevalence* - Indicador de prevalência de Insegurança Alimentar nos Agregados Familiares), o qual nos permitiu agrupar os dados obtidos a partir do indicador que *fornece* a “Escala de Acesso à Insegurança Alimentar” (HFIAS) em três níveis, nomeadamente Insegurança Alimentar Média, Insegurança Alimentar Moderada e Insegurança Alimentar Severa.

Os resultados obtidos permitem, também, fazer uma leitura comparativa com os resultados do estudo de 2008 e, assim, fazer alguma aferição sobre a tendência verificada entre os anos em estudo. Os resultados do inquérito realizado em 2008 mostraram que apenas 5%¹¹ dos Agregados Familiares estavam em situação de segurança alimentar enquanto 54% estavam em estado de Insegurança Alimentar severa. Porém os resultados do Inquérito realizado no âmbito deste estudo mostraram ter havido algumas melhorias. Com efeito, 48.8% dos Agregados Familiares estavam em situação de Segurança Alimentar, enquanto 14.6% estavam em situação de insegurança alimentar severa, contrastando com os 54% observados no estudo de 2008.

Tabela 3 – Comparação dos níveis do Indicador HFIAP (de prevalência de Insegurança Alimentar) dos AF dos anos de 2008 e 2014.

Anos	Nº de AF abrangidos	Segurança alimentar	InSA Média (%)	InSA Moderada (%)	InSA Severa (%)
2008	402	5	9	32	54
2014	472	48.8	18.4	18.2	14.6

Fonte: Elaborado pelo autor com base na tabela 13, de Raimundo, I (2014: p. 21), op. cit. e nos resultados do inquérito realizado no âmbito deste estudo.

O gráfico 4 permite, simultaneamente, visualizar melhor os níveis do Indicador de prevalência de Insegurança Alimentar dos Agregados Familiares inquiridos em 2014 e compará-los com os níveis verificados em 2008. É notória a grande diferença da proporção de Agregados Familiares em situação de prevalência de segurança alimentar entre 2008 e 2014.

¹¹ Idem Raimundo, I., p. 20.

Insegurança alimentar na cidade de Maputo em 2008 e 2014
Ezequiel Alfeu Abrahamo

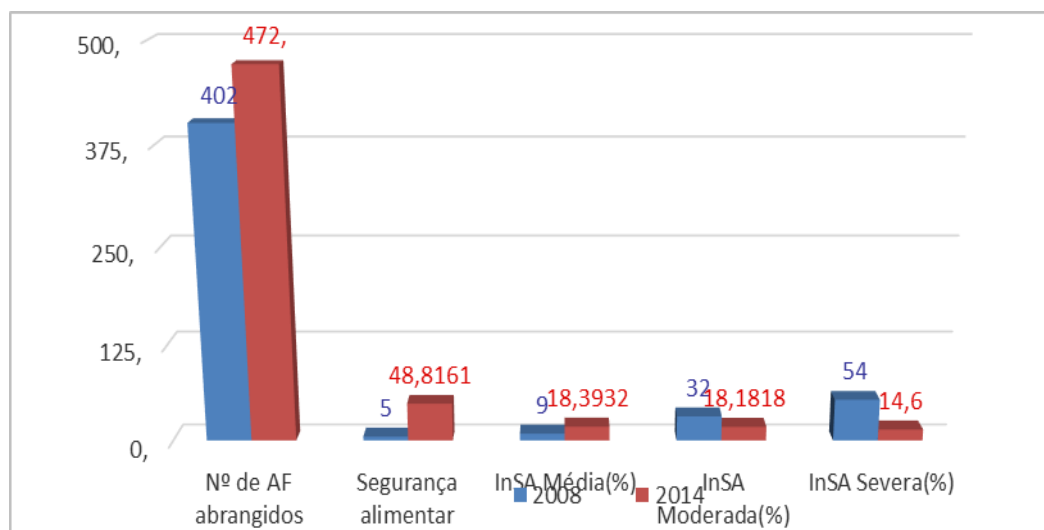


Gráfico 4 – Visualização gráfica e comparativa dos níveis do Indicador de prevalência de insegurança alimentar dos AF (HFIAP) inquiridos, entre os anos de 2008 (5%) e 2014 (cerca de 49%).

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da tabela 3.

De acordo com os resultados do estudo, a relativa melhoria dos níveis de prevalência de insegurança alimentar na Cidade de Maputo poderá, entre outros, ser resultado de alguns fatores que, de forma relacionada e interligada, poderão ter influenciado a melhoria das condições de vida dos Agregados Familiares inquiridos. Tais fatores poderão, entre outros, estar interrelacionados com: (1) A melhoria do acesso a alimentos, traduzido, entre outros, pela melhoria do poder (ou capacidade) de aquisição, pelos Agregados Familiares, de alimentos ricos em nutrientes; e (2) A diversidade da dieta dos Agregados Familiares.

A melhoria do acesso a alimentos, traduzido, entre outros, pela melhoria do poder (ou capacidade) de aquisição, pelos Agregados Familiares, de alimentos ricos em nutrientes e o tamanho médio dos Agregados Familiares

Os dados recolhidos mostraram que o nível de prevalência de Insegurança Alimentar dos Agregados Familiares, expresso através do indicador HFIAP, varia de acordo o nível de rendimento (em dinheiro) dos Agregados Familiares. Com efeito, observa-se que 21% dos Agregados Familiares com rendimento médio abaixo de 2000MT (Dois mil Metical¹²) estão em situação de insegurança alimentar severa, enquanto os que possuem rendimento acima de 12000MT não estão em nenhuma situação de insegurança alimentar. De facto, o nível de prevalência de insegurança alimentar severa diminui com o aumento do

¹² Metical é moeda Moçambicana.

nível de rendimento dos Agregados Familiares. O gráfico 5 é, também, ilustrativo da situação acima afluada.

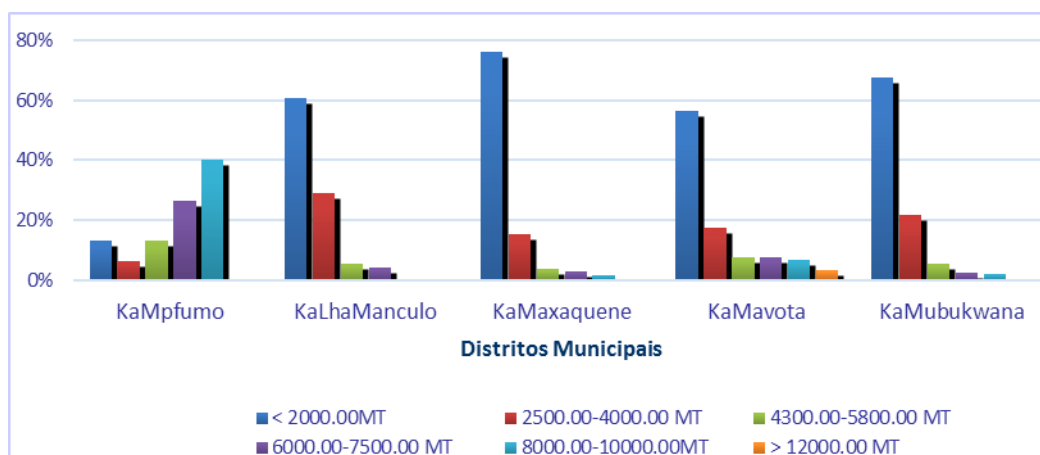


Gráfico 5 – Distribuição de receitas dos Agregados Familiares, por Distrito Municipal, 2014.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos resultados do inquérito realizado no âmbito do estudo.

Os dados sobre os níveis de prevalência de Insegurança Alimentar (HFIAP) estratificados nas categorias acima (InSA Média, InSA Moderada e InSA Severa), feitas por Distrito Municipal, mostram que no Distrito Municipal de KaMpfumo, embora o tamanho médio do seu agregado familiar seja um dos maiores, tem a menor proporção de AF na situação de Insegurança Alimentar severa, comparativamente aos outros Distritos Municipais, provavelmente porque aqueles Agregados Familiares têm um maior poder de aquisição de alimentos. Contudo, o Distrito Municipal de KaMavota tem a maior proporção de Agregados Familiares igualmente em situação de Insegurança Alimentar severa. O Gráfico 5 acima ilustram situação aqui afluada.

A diversidade da Dieta dos Agregados Familiares

Os resultados do inquérito indicaram que a maioria dos Agregados Familiares consumiu, nas quatro semanas anteriores ao inquérito, alguns dos alimentos básicos recomendados, nomeadamente:

- 75% consumiu legumes (repolho, couve, tomate, cenoura).

- ☐ 94.9% consumiu pão, arroz, shima¹³ esparguete, biscoitos, bolachas ou qualquer tipo de comida feita de milho-miúdo, milho, ou qualquer outro tipo de grãos disponíveis localmente).
- ☐ 50.4% comeu fruta.
- ☐ 37% consumiu carnes (de vaca, de porco, de frango ou de pato).

CONCLUSÕES

As conclusões que a seguir se apresentam não são terminantemente o desfecho de tudo quanto foi possível observar no processo de recolha de dados neste inquérito. Elas são, sim, aspectos que, a este nível, merecem destaque mais ou menos “conclusivo” e podem, por isso, servir de referência e ponto de partida para o aprofundamento e realização de estudos desta natureza, sobretudo para uma abordagem de Segurança Alimentar Urbana.

- a. Os resultados do inquérito realizado no âmbito deste estudo mostram que o nível dos valores tabulados dos pontos (*scores*) da escala de HFIAS dos Agregados Familiares (Tabela 1) é, em média, de 3.9% (valor inferior ao encontrado no estudo de 2008), o que sugere que os pobres da cidade de Maputo parecem estar numa situação de menos Insegurança Alimentar, comparativamente ao que mostraram os resultados do estudo feito em 2008, ou seja, houve uma certa tendência de melhoria do *status* de insegurança alimentar dos Agregados Familiares.
- b. A comparação dos resultados dos estudos feitos em 2008 e em 2014 mostra, também, uma tendência de melhoria do nível de Insegurança Alimentar dos Agregados Familiares inquiridos. Com efeito, observa-se que apenas 18.4% dos Agregados Familiares inquiridos “tiveram preocupação em não ter comida suficiente nas últimas quatro semanas” e apenas 16.7% dos AF foram impossibilitados de comer o tipo de comida que preferiam por falta de recursos financeiros para adquiri-lo. Nesta situação estiveram, segundo o estudo de 2008, 62.2% de Agregados Familiares.

¹³ Shima é uma massa espessa que se faz com farinha de milho e come-se acompanhado por um caril (molho), geralmente feito de verduras ou feijoadas.

- c. Em geral, os resultados sugerem ter havido uma tendência de melhoria dos níveis de Insegurança Alimentar dos Agregados Familiares inquiridos, comparativamente aos resultados do estudo realizado em 2008. A tendência de melhoria da prevalência de insegurança alimentar poderá, entre outros, ser resultado de alguns factores que, de forma relacionada e interligada, poderão ter influenciado a melhoria das condições de vida dos Agregados Familiares inquiridos. Tais factores poderão, entre outros, estar associados a/o:
- ✓ Melhoria do acesso a alimentos, traduzido, entre outros, pela melhoria do poder (ou capacidade) de aquisição, pelos Agregados Familiares, de alimentos ricos em nutrientes;
 - ✓ Tamanho Médio dos Agregados Familiares; e
 - ✓ Diversidade da dieta dos Agregados Familiares; entre outros.
- d. Os níveis de prevalência de Insegurança Alimentar (HFIAP) estratificados nas categorias de InSA Média, InSA Moderada e InSA Severa por Distrito Municipal, mostram que no Distrito Municipal de KaMpfumo, embora o tamanho médio do seu agregado familiar seja um dos maiores, tem a menor proporção de AF na situação de Insegurança Alimentar severa, comparativamente aos outros Distritos Municipais provavelmente porque aqueles Agregados Familiares têm um maior poder de aquisição de alimentos. Contudo, o Distrito Municipal de KaMavota tem a maior proporção de Agregados Familiares igualmente em situação de Insegurança Alimentar Severa.
- e. Por outro lado, os dados mostram que o nível de prevalência de Insegurança Alimentar dos Agregados Familiares expresso, igualmente, através do indicador HFIAP varia de acordo o nível de rendimento (em dinheiro) dos Agregados Familiares. Com efeito, observa-se que 21% dos Agregados Familiares com rendimento médio abaixo de 2000MT estão em situação de Insegurança Alimentar severa enquanto os que possuem rendimento acima de 12000MT não estão em nenhuma situação de insegurança alimentar. De facto e observando os dados da tabela 4 que se segue, o nível de prevalência de insegurança alimentar severa diminui com o aumento do nível de rendimento dos Agregados Familiares.

Insegurança alimentar na cidade de Maputo em 2008 e 2014
Ezequiel Alfeu Abrahamo

Tabela 4 – Rendimento médio (em MT) dos AF *versus* Insegurança Alimentar, 2014

Rendimento médio (em MT) dos AF's	Nível de prevalência de Insegurança Alimentar		
	InSA Média (%)	InSA Moderada (%)	InSA Severa (%)
< 2000.00	15.7%	16.7%	21.0%
2500.00--4000.00	24.7%	30.1%	8.6%
4300.00--5800.00	37.9%	6.9%	6.9%
6000.00--7500.00	12.0%	20.0%	8.0%
8000.00--10000.00	14.3%	4.8%	0.0%
> 12000.00	0.0%	0.0%	0.0%

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos resultados do inquérito realizado no âmbito deste estudo.

f. Na realização deste estudo houve alguns constrangimentos que, embora não tenham influenciado os resultados sobretudo em termos qualitativos, constituíram limitações na realização do trabalho de campo. Entre eles, mencionam-se, por exemplo, os seguintes:

- (i) Tempo disponível para o trabalho de campo;
- (ii) Acesso às fontes de informações necessárias para a preparação do inquérito;
- (iii) Acesso às áreas selecionadas para o inquérito; entre outros.

REFERÊNCIAS

ARNDT, C. et al. Poverty reduction and economic structure: comparative path analysis for Mozambique and Vietnam. **Working Paper**, Helsinki, United Nations University, World Institute for Development Economics Research, n. 122, nov. 2010. p. 2. Disponível em: <<https://www.wider.unu.edu/sites/default/files/wp2010-122.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

BICKEL, G.; NORD, M. **Guide to Measuring Household Food Security**. March: United States Department of Agriculture; Food and Nutrition Service Alexandria VA, 2000.

BURLANDY, L. C. A. de. **Segurança alimentar e nutricional: concepções e desenhos de investigação**. Rio de Janeiro: SIGMA; UFRJ, 2007.

CARVALHO, B. P. **Segurança Alimentar e Desenvolvimento Económico na África Subsariana**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa; Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2001. p. 149-152.

COATES, J. et al. **Measuring Food Insecurity: Going Beyond Indicators of Income and Anthropometry**. 2003. p. 23-47.

COATES, J.; SWINDALE, A.; BILINSKY, P. **Household Food Insecurity Access Scale (HFIAS) for Measurement of Food Access: Indicator Guide**. Version 3. Washington DC: Food and Nutrition Technical Assistance Project, Academy for Educational Development, 2007.

DERRICKSON, J. Face Validity of the Core Food Security Module with Asians and Pacific. **Journal of Nutrition Education**, Islanders, v. 32, n.1, p. 21-30, 2000.

DUARTE, R. **Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Caderno de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: EC, 2002. (Apostila).

FORTIN, M.-F.; CÔTÉ, J.; VISSANDIDJEE, B. **O Processo de Investigação Científica: da concepção à realização**. Loures: Lusociência, 1999. p. 39-43.

GARRETT, J. L.; RUEL, M. T. **Are Determinants of rural and urban Food Security and Nutritional Status different? Some Insights from Mozambique**. N. W. Washington: Food Consumption and Nutrition Division; International Food Policy Research Institute, 1999.

GERMÁN, L. **Indicadores de calidad de vida urbana: Teoría y Metodología**. Buenos Aires, Argentina: Departamento de Ciencias Sociales de la UNQ, 2005.

GRADY, H. **Three Trends Shaping the Future of Food Security**. Washington DC.: Rockefeller Foundation, 2013.

INE. **Projeções Anuais da População Total, Urbana e Rural dos Distritos da Cidade de Maputo 2007-2040**. 2010.

JAVEAU, C. **L'enquête par questionnaire**. Manuel à l'usage du praticien. Bruxelas: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1982.

LABURU, C. E. **Movimentos acelerados: um experimento de baixo custo para o Ensino Médio**. Londrina, PR: Departamento de Física, Universidade Estadual de Londrina, 1995. p. 53-55.

MALUF, R. S.; MENEZES, F. **Caderno "Segurança Alimentar"**. 2001. Disponível em: <http://ideiasnamesa.unb.br/upload/bibliotecaIdeias/1391606568Caderno_Seguranca_Alimentar.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2016.

MINISTRY OF PLANNING AND FINANCE. **Understanding Poverty and Well-Being in Mozambique: The First National Assessment (1996-97)**. Government of Mozambique/Universidade Eduardo Mondlane/International Food Policy Research Institute. Maputo: Ministry of Planning and Finance; Washington, D.C.: International Food Policy Research Institute, 1998.

MOREIRA, C. D. **A pesquisa qualitativa**. Planejamento e estratégias da investigação social. Lisboa: ISCSP, 1994. p. 93-96

OSHAUG, O. Nutrition security in Norway? A situation analysis. **Scandinavian Journal of Nutrition**, v. 38, Supplement 28, p. 1-68, 1994.

PAULO, M.; ROSÁRIO, C.; TVEDTEN, I. **XICULUNGO: Relações sociais da pobreza urbana em Maputo**. Maputo: Moçambique-MPD-GoM, 2009.

RADIMER, K. L.; OLSON, C. M.; CAMPBELL, C. C. Development of indicators to assess hunger. **Journal of Nutrition**, v. 120, p. 1544-1548, 1990. Disponível em: <http://jn.nutrition.org/content/120/11_Suppl/1544.extract#>. Acesso em: 15 ago. 2016.

RAIMUNDO, I. et al. **The State of Food Insecurity in Maputo, Mozambique**. Cape Town, South Africa: African Food Security Urban Network, 2014. (Series n. 20).

STRIVE, M. **Africa's future depends on improved nutrition**. Washington DC: International Food Policy Research Institute, Africa Progress Panel, 2015.

VENDRAMINI, A. L. A.; OLIVEIRA, J. C. De; CAMPI, M. A. Segurança Alimentar: Conceito, Parâmetros e História. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES, 2012, Niterói, RJ. **Anais eletrônicos...** Niterói, RJ: ANINTER-SH/PPGSD-UFF, 2012. Disponível em: <<http://www.aninter.com.br/ANAIIS%20I%20CONTER/GT12%20Ci%EF%BF%BDn%20e%20humanidades/SEGURAN%C3%87A%20ALIMENTAR%20CONCEITO,%20PAR%C3%82METROS%20E%20HIST%C3%93RIA%20-%20Trabalho%20completo.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

Recebido para avaliação em 29/02/2016

Aceito para publicação em 29/04/2016